

## **CARMEM COELHO: A BIOGRAFIA DE UMA EDUCADORA PARAIBANA**

**NIÉDJA FERREIRA DOS SANTOS**

Prefeitura Municipal de João Pessoa. E-mail: niedjaf santos@gmail.com

Carmen cujo nome é canto e poema [...] A História tem sido a sua vida, e quem aluno ou colega seu não lhe gravou as lições, de rígido processo de comunicação didática, dominadora (Não se ofendam os deuses!) [...] (SILVA, 1975)

Carmen Coelho de Miranda Freire foi uma mulher que se destacou em sua época, pois, a mesma está inserida no contexto de uma sociedade essencialmente patriarcalista que mesmo assim, conseguiu posicionar-se no que se refere ao âmbito profissional, trazendo contribuições para a esfera educacional no estado da Paraíba.

A escolha do estudo sobre a referida educadora e escritora justifica-se pelo fato dela ter contribuído durante grande parte de sua vida para a educação de muitos paraibanos, como foi percebido durante a pesquisa.

A epígrafe acima, escrita por Afonso Pereira da Silva, no relatório do processo da entrada de Carmen Coelho no IHGP, mostra como era vista a prática da educadora em suas ações em sala de aula. Essas contribuições elencadas se referem ao fato de Carmen Coelho de Miranda Freire exercer seu ofício de professora em muitas salas de aula, desde o Jardim da Infância à turma de ensino noturno e como historiadora, levando em consideração a publicação de livros didáticos e literários, que em sua prática docente os utilizou como recurso de ensino na época em que se encontrava em sala de aula.

Carmem Coelho de Miranda Freire, D. Carmita, como era conhecida pelos amigos e pessoas próximas, nasceu em João Pessoa, no dia 12 de janeiro de 1912, e faleceu aos 91 anos, no dia 2 de abril de 2003. Era filha do Dr. José Vieira Coelho e D<sup>a</sup>. Maria Emerentina Gouvêa Coelho.

Fez o curso primário e o secundário no Colégio Nossa Senhora das Neves,<sup>1</sup> assim como sua mãe e a maioria das moças da mesma época, tendo em vista que a referida instituição foi, por muito tempo, tida como uma conceituada escola para meninas, pautada numa base religiosa, sobretudo no recorte temporal que compreende o final do século XIX e início do XX, além de ter sido também uma instituição de referência no Curso Normal. Foi lá onde Carmen Coelho fez o magistério, diplomando-se professora em novembro de 1931.

Foi casada com o comerciante Lourival de Miranda Freire,<sup>2</sup> também já falecido, com quem teve quatro filhos, sendo que dois deles faleceram quando crianças e os outros dois são, respectivamente, o Desembargador Carlos Coelho de Miranda Freire<sup>3</sup> e a Dr<sup>a</sup>. Clemens Coelho Freire Batista,<sup>4</sup> professora aposentada da Universidade Federal da Paraíba.

A educadora iniciou suas atividades no magistério como professora do Jardim de Infância. Em 1933, foi designada para le-

<sup>1</sup> O Colégio Nossa Senhora das Neves, situado na Praça Dom Ulrico, nº 56, Centro de João Pessoa/PB, inaugurada no ano de 1857, teve o encerramento definitivo de suas atividades educativas no ano de 2002. Hoje, o prédio é a sede da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba. Para mais informações consultar SANTOS, Tatiana de Medeiros. *Magistério em declínio: Histórias e Memórias de ex-alunas do magistério do Colégio Nossa Senhora das Neves* (1970). Dissertação de Mestrado: PPGE/UFPB, 2009.

<sup>2</sup> Essas informações estão disponíveis no sítio eletrônico do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, [www.ihgp.net](http://www.ihgp.net). Acesso em outubro de 2009.

<sup>3</sup> Carlos Coelho de Miranda Freire formou-se em direito pela UFPB em 1971. Em 1977 fez Mestrado em Teoria Geral do Direito pela USP. Em 1980 concluiu o Doutorado em Direito com créditos da Universidade de Mainz, na Alemanha. Foi nomeado Juiz do Trabalho substituído em 1987, promovido para juiz titular por critério de antiguidade, foi presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Patos, em 1989, atuando em diversos municípios do interior do Estado. Em 1993 foi nomeado juiz titular da 6ª Vara do Trabalho em João Pessoa. É professor de Introdução ao Direito na UFPB. Atualmente é vice-presidente do Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba, para o biênio de 2011/2013.

<sup>4</sup> Clemens Coelho Freire Batista, doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná, professora aposentada da Universidade Federal da Paraíba.

cionar no Grupo Escolar “Isabel Maria das Neves”,<sup>5</sup> dedicando-se a esse educandário durante sete anos, deixando-o para assumir a Cadeira de História Geral no Liceu Paraibano,<sup>6</sup> para onde foi nomeada em 1940.

Nesse mesmo ano passou a integrar o quadro de professores do Colégio Nossa Senhora de Lourdes<sup>7</sup> (Lourdinias), escola com preceitos religiosos católicos, que tem como filosofia educar evangelizando e estabelece como missão: promover a educação integral do educando com vistas ao exercício pleno da cidadania, tornando-o capaz de interferir, com ética e competência, no processo socioeconômico e cultural do Brasil.

Em 1934 participou do Congresso Eucarístico Internacional na Argentina, o que evidencia ainda mais sua ligação com a religião católica.

Antes, em 1952, a convite do Inspetor Seccional<sup>8</sup> do Ministério da Educação e Cultura da Paraíba, Carmen Coelho compôs a

<sup>5</sup> A Escola Estadual Isabel Maria das Neves fica localizada na Av. João Machado, 484 no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa, PB.

<sup>6</sup> O Liceu Paraibano importante instituição de ensino secundário no estado, foi fundado no dia 24 de março de 1836, mas, só começou a funcionar no ano seguinte 1937. Localiza-se atualmente, na Avenida Getúlio Vargas, Centro da Capital, foi inaugurado em 1937, pelo governador Argemiro de Figueiredo. FREIRE, Carmem Coelho de Miranda. *História da Paraíba* para uso didático. João Pessoa: A União, 1978. p.195. Atualmente a instituição oferece apenas o Ensino Médio.

<sup>7</sup> O Colégio Nossa Senhora de Lourdes (ou Lourdinias) foi fundado no dia 4 de março de 1940, em João Pessoa (PB). Iniciou suas atividades educacionais com 45 alunos, estabelecendo-se, provisoriamente, na Rua Monsenhor Walfredo Leal, no. 476, no bairro de Tambiá. Foi o primeiro colégio da Ordem Nossa Senhora de Lourdes no nordeste brasileiro e, para sua fundação, contou com apoio e incentivo decisivos do Arcebispo da Paraíba, na época, Dom Moisés Coelho, além da coragem, determinação e idealismo de seis religiosas que chegaram à Paraíba no navio Itaquera, no dia 02/ 03/1940.No ano seguinte (1941), o colégio foi transferido para a Rua Epitácio Pessoa, nº. 208, bairro da Torre, João Pessoa/PB onde funciona até hoje. Informações disponíveis em: <http://www.lourdinias.com.br/site/v2011/cole.php> e <http://envolvartes.blogspot.com.br/2008/09/o-colgio-nossa-senhora-de-lourdes-o.htm>. Acesso em: Maio de 2012.

<sup>8</sup> No processo de pesquisa não foi possível encontrar o nome desse Inspetor e as informações a respeito foram retiradas de pesquisas realizadas no IHGP.

banca examinadora que selecionava professores candidatos à Faculdade de Filosofia de João Pessoa. Em 1962, após 28 anos consagrados ao magistério, Carmem Coelho aposentou-se.

Em 1954, Carmen Coelho passou a ser professora catedrática de História do Brasil, no Liceu. Ali, também foi fundadora do Curso Noturno, no qual ensinou durante 10 anos, como voluntária.

De formação cristã, irmã do Arcebispo de Olinda e Recife, D. Carlos Gouveia Coelho,<sup>9</sup> que também foi sócio efetivo do IHGP, como Patrono da cadeira N° 29, tendo como tio-avô o Padre Meira, a professora Carmem dedicou-se também a atividades socioreligiosas.

Fundou a Instituição das Domésticas de Santa Zita e a Casa de Santa Zita, de aprendizagem profissional de formação cristã, visando à promoção social da empregada doméstica. Foi sócia fundadora do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica,<sup>10</sup> tendo realizado várias viagens à Europa com o objetivo de aprimorar seus conhecimentos de História e Genealogia.

Recebeu o título de Cidadã Pessoaense Benemérita, em 4 de maio de 1984, e a Comenda do Mérito Cultural “José Maria dos Santos”, outorgada pelo IHGP.

---

<sup>9</sup> Carlos de Gouvêa Coêlho (Dom) nasceu na capital do Estado da Paraíba, no dia 28 de dezembro de 1907, filho do casal José Vieira Coêlho e D<sup>ª</sup>. Maria Emerentina de Gouvêa Coêlho. Ordenou-se padre em 09 de fevereiro de 1930, nesta capital, seguindo depois para a cidade de Cajazeiras, no sertão do Estado, como secretário da diocese e diretor do Colégio Diocesano, retornando a João Pessoa em 1932. D. Carlos Coêlho foi um líder religioso, educador da mocidade, jornalista e professor: Culto e inteligente. Antes de ser eleito bispo, lecionou em vários colégios da capital. Foi capelão do Colégio Pio X e do Colégio Nossa Senhora de Lourdes; assistente eclesiástico da União dos Moços Católicos e das Noelistas; secretário da Liga Eleitoral Católica; diretor do jornal *A Imprensa*, de 1933 a 1942; diretor do Departamento de Educação do Estado, em 1947. Em 1948, foi designado Bispo de Nazaré da Mata, Estado de Pernambuco, ficando aí até 1955, quando foi transferido para a Diocese de Niterói, RJ. Em 1960, foi nomeado Arcebispo de Olinda e Recife, cargo em que permaneceu até o dia 7 de março de 1964, quando faleceu.

<sup>10</sup> O Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica foi fundado em 19 de novembro de 1967, onde funcionava nas dependências do IHGP, com um quadro de sócios efetivos e outro de correspondentes.

Ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano em 17 de agosto de 1976, apresentando o trabalho sobre a vida e a obra de Leonardo Antunes de Meira Henriques. Foi recepcionada pelo historiador Lauro Pires Xavier. No que se refere às suas obras, destaco as seguintes publicações: *História da Paraíba: Período Colonial e Reino* (1976), *História da Paraíba: do Império à República* (1976), *História da Paraíba: para uso didático* (1978) 2ª ed. Vale destacar que essa última obra teve seis edições, a última de 1987, sendo que no processo de investigação das fontes não foi possível tomar conhecimento do ano de sua primeira edição.

Em suas produções literárias encontram-se o romance *A Mansão da Praça Bela Vista* (1973), que será analisado nesta dissertação, tendo esse mesmo livro transformado em atos no ano de 1979, para ser encenado como peça teatral, intitulada *Governo João Pessoa, sua morte, cifrado 110 e a Revolução de 1930*; e, por último, como produção literária, Carmen Coelho escreveu *Diná*, (1995). Na perspectiva da genealogia, publicou *Notas Genealógicas das Famílias Gouvêa, Meira Henriques, Albuquerque Maranhão, Vieira, Coelho a que se acha ligada a minha mãe, um exemplo de uma vida*, (1971) e a biografia intitulada, *Padre Meira*, (1976).

Tendo em vista que, mesmo com todas essas contribuições elencadas anteriormente, não há na historiografia paraibana uma pesquisa que registre essencialmente a biografia da educadora, escritora e historiadora Carmen Coelho de Miranda Freire principalmente sua prática de escrita entre os anos de 1977 à 1995. Com isso essa pesquisa propôs tornar pública algumas de suas contribuições para a educação na Paraíba, a fim de colaborar com pesquisas que possam enriquecer esse debate na historiografia do nosso estado.

Levando em consideração todos esses aspectos da sua trajetória, a investigação trazida neste texto faz um estudo biográfico de Carmem Coelho de Miranda Freire e, para tanto, utilizo como principais fontes de análise suas obras didáticas e literárias, já apresentadas anteriormente. Com elas, é apresentada sua contribuição

para a construção de uma sociedade letrada e, além disso, buscar identificar algumas concepções acerca da educação que aparecem de forma direta ou indireta e que a autora tenta reproduzir em sua escrita, tendo em vista que as obras citadas foram utilizadas como recurso didático pela própria educadora quando a mesma se encontrava na prática educacional.

### **A nova história cultural como percurso teórico da pesquisa**

Nessa perspectiva, a base teórica apresentada apóia-se na Nova História Cultural que amplia o campo do historiador, tendo em vista que com ela houve a abertura para os estudos de novos objetos, partindo da necessidade existente de representar da melhor maneira possível os fatos ocorridos na conjuntura social. A partir daí a Nova História Cultural desloca sua atenção para a análise das estruturas, ou seja, tem uma preocupação em apresentar diferentes olhares sobre os fatos e acontecimentos históricos pesquisados, com o intuito de ajudar a preencher as lacunas que a História oficial pode vir a deixar, tendo em vista que essa apenas leva em consideração fontes, documentos e memórias oficiais, por isso que a Nova História Cultural tem a preocupação de também retratar e considerar as experiências e acontecimentos advindos da vida de homens e mulheres comuns, preocupando-se ainda com suas práticas culturais e suas experiências de mudança social (BURKE, 2005).

Na ordem de defesa de um campo de abordagem mais amplo, a Nova História Cultural nasceu como crítica aos enfoques clássicos e na busca das aproximações com os enfoques da micro-história, redimensionando sua importância no contexto mais geral da história.

Seguindo esse fio condutor, especialmente no que diz respeito à denominação da Nova História Cultural, Burke (2005, p.69) comenta que:

[...] a palavra “nova” serve para designar e discutir a Nova História Cultural – com a Nouvelle histoire francesa da década de 1970, com a qual as duas abordagens têm muito em comum – das formas mais antigas já discutidas anteriormente. A palavra “cultural” diferencia-se da história intelectual, sugerindo uma ênfase em mentalidades, suposições e sentimentos e não em idéias ou sistemas de pensamentos. A diferença crucial entre ambas, segundo o famoso autor, enfatiza-se pelo contraste de Jane Austen entre razão e sensibilidade.

A História Cultural, nas palavras de Chartier (1988, p.16), “a história cultural, tal como entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

No enfoque da Nova História Cultural, existe a possibilidade de fazer o cruzamento de diversas fontes de análise, assim, não só os documentos oficiais são considerados, mas podemos nos apropriar de vários tipos de fontes, ou seja, todo material que for descoberto na pesquisa pode ser considerado, cabe ao pesquisador perceber a relevância, olhar bem nas entrelinhas e o contexto, para analisar e mostrar na pesquisa. Partimos do pressuposto de que a história não é construída apenas com grandes feitos de heróis, como era retratado na história tradicional em sua visão macro, mas, segundo a perspectiva da história cultural, que desloca sua atenção para homens comuns, mulheres, negros, crianças, idosos, preocupa-se com suas práticas culturais e suas experiências de mudança social para apoiar essa pesquisa. (BURKE, 2005).

Nesse contexto, ao dar destaque à vida de uma mulher, vale ressaltar que Carmen Coelho fazia parte de uma família tradicional da sociedade paraibana, ou seja, de tratava de uma mulher da elite, tendo em vista que muitos de seus tios eram pessoas que ocupavam a posição de liderança religiosa ligada à Igreja Católica, além

de políticos que tinham atuante participação nos debates sociais referentes aos acontecimentos existentes em sua época. Com isso, cabe afirmar que Carmen Coelho participou de espaços com grande importância para a sociedade letrada de sua época e mesmo não sendo com grande destaque como muitos integrantes de sua família saiu dos bastidores da história, num contexto marcado pela sociedade patriarcal.

Por muito tempo as mulheres estiveram excluídas da história. Os diversos estudos de Perrot (2005, p.14) confirmam essa realidade, ao afirmar que o olhar do pesquisador por muito tempo na história esteve voltado para acontecimentos públicos envolvendo grandes homens. Sendo assim, “escrever a história das mulheres supõe que elas sejam levadas a sério, que se dê a relação entre os sexos um peso, ainda que relativo, nos acontecimentos ou na evolução das sociedades [...]”

Ainda segundo Perrot (2005, p. 177), é recente o desejo de

[...] inverter as perspectivas historiográficas tradicionais, de mostrar a presença real das mulheres na história mais cotidiana [...]. A história por muito tempo se desenvolveu de forma sexuada, enfatizando apenas o sexo masculino, deixando às mulheres fora desse contexto, a partir disso, a autora destaca que aos homens, cabia-lhes [...] o cérebro (muito mais importante do que o falar, a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão); às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos.

Nessa perspectiva, as mulheres eram subestimadas como se não tivessem capacidade para pensar ou agir igualmente como os homens. Por isso, vislumbra-se nesta dissertação, inserir discussões acerca da história das mulheres, em especial de uma mulher educadora com prática de escrita, tendo em vista a necessidade da formação de homens e mulheres perpassar por um grande conhecimento da realidade humana, sendo esta, por sua vez, essencialmente histórica.



No caso das mulheres, ser educadora e, ao mesmo tempo atuante na sociedade, sempre foi uma história que esteve à margem da história da educação na Paraíba. No que se refere à história das mulheres, ressalta Scott (1992, p.77):

A maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudo, sujeitos da história. Tem tomado como axiomática a idéia de que o ser humano universal poderia incluir as mulheres e proporcionar evidência e interpretações sobre as várias ações e experiências das mulheres do passado. [...] os historiadores de mulheres poderiam apontar para a realidade da experiência vivida pelas mulheres e presumir seu interesse inerente e sua importância.

Vale ressaltar, que foram muitas as contribuições de Carmen Coelho de Miranda Freire no contexto educacional e acadêmico no estado da Paraíba e mesmo não destacando nesse artigo todos eles, foi possível destacar alguns aspectos referentes a trajetória pessoal e intelectual de uma educadora tão atuante. E esse destaque dado a Carmen Coelho visa contribuir ainda mais com a historiografia de mulheres educadoras na Paraíba que em sua época de atuação deixaram suas colaborações registradas e que nós como historiadores temos o dever de resgatar para não deixar que esses fatos fiquem esquecidos.

### Referências Bibliográficas

BACELAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 23- 79.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 203-233.

BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História Cultura entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.

FARIA, N., NOBRE, M. (orgs.). **Gênero e desigualdade.** São Paulo: SOF, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gênero e educação.** São Paulo: SOF, 1999

FREIRE, Carmem Coelho de Miranda. **A Mansão da Praça Bela Vista.** João Pessoa: A União, 1977.

\_\_\_\_\_. **Diná.** João Pessoa: Unigraf, 1995.

\_\_\_\_\_. **História da Paraíba: do Império à República** (para uso didático). João Pessoa: A União, 1976.

\_\_\_\_\_. **História da Paraíba: para uso didático.** 2. ed. João Pessoa: A União, 1974.

\_\_\_\_\_. **João Pessoa: sua vida política, sua morte e a Revolução de 30.** João Pessoa, O Norte. 26 jul, 1996. Show, p. 6.

\_\_\_\_\_. **Notas Genealógicas das famílias Gouvêa,** Meira Henriques, Albuquerque Maranhão, Vieira, Coêlho. João Pessoa: Mimeografia Velox copiadora. 1978.

\_\_\_\_\_. **Padre Meira.** João Pessoa: A União, 1976.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

PERROT, Michelle. **Mulheres ou os silêncios da história.** Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, S. P.: EDUSC, 2005.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: novas perspectivas.** Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: novas perspectivas.** Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.